



USO DE APARELHOS ELETRÔNICOS POR CRIANÇAS DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA POR COVID-19: PERCEPÇÃO PARENTAL

USE OF ELECTRONIC DEVICES BY CHILDREN DURING THE COVID-19 PANDEMIC PERIOD: PARENTAL PERCEPTION

USO DE DISPOSITIVOS ELECTRÓNICOS POR PARTE DE LOS NIÑOS DURANTE EL PERÍODO DE PANDEMIA COVID-19: PERCEPCIÓN DE LOS PADRES

Karen Murakami Yano¹, Aline Moraes Mizutani Gomes², Simon Skarabone Rodrigues Chiacchio³, Sheila Cristina Dinelli Ferreira⁴, Andrea Cristina Marin⁵, Jefferson da Silva Negreiros⁶, Andrea Renata Chiacchio Skarabone⁷, Sandra Helena Loureiro Hoyler⁸

DOI: 10.54899/dcs.v22i80.2817

Recibido: 10/02/2025 | Aceptado: 20/02/2025 | Publicación en línea: 13/05/2025.

RESUMO

Atualmente uso de aparelhos eletrônicos, como aparelhos celulares e computadores, por crianças torna-se cada vez mais comuns. No Brasil, o uso de eletrônicos por crianças, é um assunto amplamente debatido por profissionais, principalmente na área de psicologia, por se tratar de um elemento que afeta diretamente no desenvolvimento delas. Com o período de pandemia devido a COVID-19 e a necessidade de distanciamento social, o perfil de uso de aparelhos eletrônicos pode ter se intensificado. O objetivo do artigo é analisar o perfil de uso de aparelhos eletrônicos através da percepção dos pais e/ou responsáveis legais da criança, no período de pandemia por COVID-19. O método de pesquisa foi desenvolvido na perspectiva de pesquisa qualitativa descritiva exploratória, que avaliou os discursos de responsáveis legais por crianças em fase escolar. A coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro a dezembro de 2023, atendeu aos critérios de saturação dos dados, conforme proposta de Pollit. Os dados foram analisados segundo a Análise de Conteúdo Temático proposto por Minayo. A pesquisa foi realizada com 14 responsáveis legais, representando 21 crianças. Evidenciou-se que o aparelho celular, o

¹ Doutora em Ciências da Saúde, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: yano@unifesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3057-9159>

² Mestre em Psicologia Escolar. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: alinemizu@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0489-8439>

³ Pós-Doutor em Administração de Empresas. Universidade de São Paulo (USP). Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

E-mail: simonchiacchio@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1912-6255>

⁴ Mestre em Gestão de Negócios. Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Santos, São Paulo, Brasil.

E-mail: sheila.ferreira28@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9531-6264>

⁵ Mestre em Educação e Currículos. Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: andrea.marin.dias@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1449-7017>

⁶ Mestre em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: contato@negreirospsicologia.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6982-4890>

⁷ Pós-Graduada em Comunicação Social. Fundação Cásper Líbero. São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: deiachiacchio@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5696-8897>

⁸ Mestre em Educação. Universidade Nove de Julho. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: shoyler@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1581-3218>

computador e a televisão foram os principais eletrônicos utilizados pelas crianças, bem como a necessidade de acompanhar as aulas remotas foi a principal motivação para o uso deles. O estudo concluiu que o uso de equipamentos eletrônicos aumentou consideravelmente, os impactos decorrentes desse uso excessivo foram percebidos pelos responsáveis no pós-pandemia, bem como seus agravos na saúde dos estudantes.

Palavras-chave: Crianças. Computador. Equipamentos Eletrônicos. Telefone Celular. COVID-19.

ABSTRACT

Nowadays, the use of electronic devices, such as cell phones and computers, by children is becoming more and more common. In Brazil, the use of electronics by children, is an issue widely debated by professionals, mainly in the area of psychology, because it is an element that directly affects their development. As the pandemic period due to COVID-19 and the need for social distancing, the profile of use of electronic devices may be intensified. The objective of the article is to analyze the usage profile of electronic devices through the perception of two countries and/or legal responsibility for children, in the period of the COVID-19 pandemic. The research method was developed in the perspective of qualitative descriptive exploratory research, which validates the discourses of legal responsible for children in the school phase. The collection of data occurs between the months of October and December 2023, according to the saturation criteria of the data, as proposed by Pollit. The data are analyzed according to the Thematic Content Analysis proposed by Minayo. The investigation was carried out with 14 legal respondents, representing 21 children. It is evident that the cell phone device, computer, and television are the main electronic devices used by children, as well as the need to accompany remote classrooms, which was the main motivation for their use. The study concluded that the use of electronic equipment increased considerably, the resulting impacts of excessive use perceived by those responsible not post-pandemic, as well as its aggravations on the health of two students.

Keywords: Children. Computer. Electronic Equipment. Cell Phone. COVID-19.

RESUMEN

Actualmente uso de aparatos electrónicos, como aparatos móviles y ordenadores, por niños que se vuelven cada vez más comunes. En Brasil, el uso de aparatos electrónicos por parte de niños, es un asunto ampliamente debatido por profesionales, principalmente en el área de psicología, por se tratar de un elemento que afecta directamente no desenvolvimiento delas. Con el período de pandemia causado por COVID-19 y la necesidad de distanciamiento social, el perfil de uso de aparatos electrónicos puede terminar intensificado. El objetivo del artículo es analizar el perfil de uso de aparatos electrónicos a través de la percepción del país y/o sus responsabilidades legales de crianza, en el período de pandemia por COVID-19. El método de pesquisa foi desenvolvido na perspectiva de pesquisa cualitativa descritiva exploratoria, que avaliou os discursos de responsáveis legais por niños en fase escolar. A coleta de dados ocorreu entre los meses de octubre a diciembre de 2023, atendeu aos critérios de saturação dos dados, conforme proposta de Pollit. Os dados foram analisados segundo a Análise de Conteúdo Temático proposto por Minayo. A pesquisa foi realizada com 14 responsabilidades legais, representando a 21 crianças. Evidenciou-se que el aparato celular, la computadora y la televisión para los principales

dispositivos electrónicos utilizados por los niños, bem como una necesidad de acompañar como aulas remotas por una principal motivación para su uso. El estudio concluye que el uso de equipos electrónicos aumenta considerablemente, los impactos descorrentes de su uso excesivo para que los pelos percibidos respondan a la pospandemia, como sus agravos en la salud de los estudiantes.

Palabras clave: Niños. Computadora. Equipos Electrónicos. Celular. COVID-19.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Atualmente, os dispositivos móveis (celulares, tablets, laptops, etc) estão sendo introduzidos em todos os ambientes e faixas etárias, reconfigurando a própria sociabilidade. A ampliação da rede de telefonia móvel, a popularização dos computadores, a conveniência de utilização e a diminuição dos preços dos dispositivos transformaram o Brasil no quinto maior mercado consumidor de telefones celulares globalmente. (Balbani, Krawczyk; 2011; Costa, Mapa, Lazzarini; 2017; Taborda; 2019).

Estima-se que 80% de crianças e adolescentes, com idades entre 10 e 18 anos, possuam um aparelho celular. Destes, 45% adquiriram o dispositivo antes de completarem nove anos. É o mesmo intervalo etário na qual registra-se o ápice da utilização de consoles de videogame. (Balbani, Krawczyk, 2011; Claro, Menconi, Loreto, 2012; De Paulo Falcão, Mill, 2018).

No Brasil, a utilização de dispositivos eletrônicos, como celulares e computadores por crianças é amplamente discutida por especialistas, especialmente na esfera da psicologia. Trata-se de uma variável que impacta diretamente o desenvolvimento infantil, sobretudo no processo de aprendizagem (Balbani, Krawczyk, 2011; Claro, Menconi, Loreto, 2012). Entre os aspectos abordados, destacam-se os efeitos dos campos eletromagnéticos emitidos por esses aparelhos.

A interação com tais dispositivos contribui para o aprimoramento cognitivo, visto que a comunicação entre redes, por meio de jogos ou diálogos virtuais, representa novas modalidades e ambientes de socialização, consolidando laços sociais. (Claro, Menconi, Loreto; 2012; Costa, Mapa, Lazzarini; 2017; Taborda; 2019). No entanto, a utilização indiscriminada de aparelhos celulares, internet, tablet e televisores repercutiria em tendência ao isolamento dessas crianças, fomentando comportamentos antissociais, um estado emocional instável (evidenciado por meio de atitudes agressivas), déficit de atenção, atrasos cognitivos, dificuldades de aprendizagem,

exacerbação de comportamentos impulsivos e dificuldades em lidar com diversas situações cotidianas, cefaléias, modificações posturais, danos à visão, obesidade, dependência a jogos e estímulo ao consumo de álcool e drogas. (Claro, Menconi, Loreto; 2012; Costa, Mapa, Lazzarini; 2017, Taborda, 2019).

Desta forma, esta investigação é justificável com vista à identificação de fatores motivadores para o uso ou abuso de dispositivos eletrônicos, bem como o padrão de utilização de eletrônicos por crianças, a partir da percepção dos pais ou responsáveis legais, fomentado pelo processo pandêmico da Covid-19, momento na qual os indivíduos foram obrigados a manter-se em isolamento social, com restrição de atividades que apresentassem aglomerações e contato entre pessoas, de modo a controlar a disseminação do vírus Sars-Cov-2.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em 22 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) convocou o Comitê de Emergência para avaliação de um cenário epidemiológico por um vírus denominado SARS-Cov-2 e que desencadeava a Covid-19, de fácil propagação e alta letalidade. Logo mais, tal situação constituir-se-ia em uma questão de Saúde Pública Emergencial de Interesse Internacional (PHEIC). (WHO, 2023).

No Brasil, o primeiro registro de Covid-19 ocorreu em 26 de fevereiro de 2020, e a primeira fatalidade relacionada foi registrada em 12 de março, ambos na cidade de São Paulo. Desde o início da identificação dos casos até os dias atuais, observou-se um aumento considerável e acelerado no número de ocorrências. Conforme informações fornecidas pelo DataSUS, entre março de 2020 e janeiro de 2023, o Brasil registrou cerca de 700 mil falecimentos confirmados e 36. Quinhentos e setenta e oito mil, oitocentos e sessenta e cinco casos confirmados. (Brasil, 2023).

A veloz propagação do SARS-CoV-2 entre nações e grupos sociais, aliada à falta de vacinas e de antivirais eficazes para a mitigação e controle da Covid-19, pulsionaram as comunidades globais a buscarem alternativas para conter ou interromper a cadeia de transmissão desta enfermidade. Ao atestar a elevada transmissibilidade entre os seres humanos, optou-se por adotar a implementação do método de "distanciamento social" entre as pessoas. (Brasil, 2021)

No entanto, este afastamento social manifestou-se de várias maneiras em diferentes setores e cenários. A versão mais radical de afastamento social foi denominada "*Lockdown*",

caracterizada por um bloqueio absoluto, impelindo aos indivíduos permanecerem em seus domicílios isolados dos demais grupos e pessoas da sociedade (Brasil, 2021). A população não estava preparada para tal circunstância e necessitou enfrentar a situação com temores, as incertezas, as perdas tangíveis e simbólicas, o isolamento, a carência de recursos e/ou a dificuldade de acesso a recursos, as novas exigências, entre outros fatores.

Em São Paulo, através do Decreto Municipal nº 59.283, de 16 de março de 2020, determinou-se a interrupção progressiva das aulas na rede pública de ensino, bem como a implementação de medidas para a operacionalização do ensino à distância. Essa ação também foi direcionada à rede privada de ensino. (Mello, 2020; De Jesus Pereira, Narduchi e Miranda, 2020; São Paulo, 2021; Silva et al., 2020).

Os estudantes necessitaram converter seus lares em espaços de aprendizado escolar. Juntamente a este processo, as crianças sofreram uma deterioração nas interações sociais, experimentaram um aumento nas tensões latentes dentro do núcleo familiar, enfrentaram restrições econômicas e físicas, além de contarem com escassas oportunidades e alternativas limitadas para aliviar as tensões emocionais. Essa dificuldade tornou-se mais evidente para os excluídos do acesso aos recursos, permitindo-lhes aproveitar esse novo contexto que se torna progressivamente tecnológico e digitalizado. (Mileipp et al., 2021).

Desta maneira, como forma de mitigar o distanciamento do ambiente escolar, de forma inevitável, conduziu a necessidade de utilização, com maior frequência, dos meios digitais e, por conseguinte, os dispositivos eletrônicos. Isso abrangia as crianças.

METODOLOGIA

Trata-se de uma investigação qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, que retratou e analisou as percepções acerca do emprego de dispositivos eletrônicos por crianças em fase escolar durante o período da pandemia de Covid-19, a partir dos relatos dos responsáveis legais.

A escolha dos indivíduos foi realizada por meio da técnica de amostragem conhecida como *Snowball Sampling*, um método de pesquisa não probabilística utilizado em investigações sociais, em que os participantes de um estudo recomendam outros novos participantes, prosseguindo dessa forma até que o objetivo desejado seja atingido. (Sedgwick, 2013)

Os indivíduos foram contatados, por meio de telefone ou e-mail, e submetidos a uma

avaliação em relação à sua elegibilidade de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Entre os selecionados, foi efetuado o agendamento de um horário para a realização de uma conferência virtual. As entrevistas foram realizadas de maneira virtual, utilizando a plataforma Zoom® (<https://zoom.us/profile>).

Com o intuito de alcançar os objetivos estabelecidos, foram selecionados como participantes desta investigação, os responsáveis legais de crianças matriculadas na educação básica, com idades entre 6 e 12 anos, que atendam aos critérios de inclusão que se seguem.

Ser responsável legal com no mínimo 18 anos completos.

Ser o responsável legal da criança em idade escolar (6 a 12 anos)

O adulto deveria estar em contato e convívio constante com a criança.

A criança deveria ter acesso a meios digitais, como celulares e computadores

Ter capacidade de compreensão e verbalização para responder a entrevista e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);

Ter disponibilidade para realizar a entrevista

Ter aceitado e confirmado o termo de consentimento livre e esclarecido

Esleveu-se entrevistar os responsáveis legais de crianças em idade escolar, pois estas vivenciaram atividades escolares em caráter remoto devido à necessidade de distanciamento social como manejo de enfrentamento a Pandemia por Covid-19.

Foram tomados os devidos cuidados éticos, obedecidos conforme determinado na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas em Seres Humanos (Brasil, 2012). Esta pesquisa foi submetida à análise e apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade, reconhecida pelo Conselho Nacional de Pesquisa com Seres Humanos (CONEP), e aprovada em 25 de fevereiro de 2022, pelo parecer nº 5.263.779.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de Outubro e Novembro de 2022 pelos pesquisadores e transcritos logo a seguir de cada entrevista, de modo a não se perder observações sobre o contexto não verbal das entrevistas.

A entrevista foi norteada por um instrumento específico, contendo 09 perguntas abertas e semiestruturadas. As perguntas visavam conhecer e compreender quais os tipos de equipamentos eletrônicos as crianças tinham acesso, quais elas mais utilizavam, o tempo investido no uso destes equipamentos, as finalidades de uso, comportamentos frente a utilização destes equipamentos no período de pandemia e pós retorno gradual das atividades presenciais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um Insólito Circunstante: Apropriação de Tecnologias.

Nesta categoria, foram abordadas as adaptações iniciais implementadas pelas famílias com a finalidade de suprir as necessidades das crianças. Trata-se de uma ocasião ímpar que demandava a discrição de todos.

Segundo as narrativas, um dos mecanismos de adaptação, seja em períodos curtos ou prolongados, constituiu um fato marcante o acesso a dispositivos eletrônicos por parte das crianças, bem como aumento considerável no período de utilização de dispositivos eletrônicos. Além disto, um considerável número de crianças passou a ter acesso a determinados tipos de dispositivos eletrônicos unicamente em decorrência da situação enfrentada; de outro modo, tanto o uso quanto o acesso a esses equipamentos eram restritos, conforme se pode constatar no trecho do discurso a seguir.

“Na verdade, para ela, acabou sendo uma oportunidade de ela se libertar de uma trava que eu e a minha esposa colocava em relação ao equipamento eletrônico. Ela não usava e quando usava era controlado, ou controlado por tempo, a gente controlava, ou o celular dela tinha um aplicativo que controlava o tempo que ela usava. Então, na pandemia, eu tive que abrir essa restrição e acabou se tornando uma libertação para ela.” (E11)

Ao indagar os responsáveis a respeito dos dispositivos eletrônicos comumente utilizados pelas crianças durante o período de distanciamento social, foram identificadas três categorias de equipamentos. O telefone celular foi mencionado em 78,5% das oportunidades, seguido pelo computador com 64,3% e pelos aparelhos de televisão com 57,1%.

O motivo preponderante que impulsionou o acesso das crianças aos dispositivos eletrônicos foi a exigência de participar ou acompanhar atividades escolares, como aulas e trabalhos, seguida da necessidade de entretenimento.

“E o momento é do começo das aulas até o término das atividades, que também eram digitais, né? Não só provas e trabalhos, mas o próprio estudo, né? Porque tudo estava na plataforma [...]” (E1)
“[...] ela assistia as aulas do governo, pelo canal da cultura[...]” (E2)
“O computador. Mais, por causa das atividades da escola.” (E14)

A utilização de aparelhos celulares tornou-se abrangente, superando a necessidade de comunicação via ligações telefônicas. Tornou-se protagonista a uma vasta gama de opções para

interação, lazer e informação, incluindo fotografias, vídeos, jogos e acesso à internet. Para as crianças, transformá-lo em um brinquedo, uma atividade de lazer, adquiriu um valor superior ao meio de comunicação em seu significado convencional. (Martinelli e Moína, 2009; Mloureiro e Marchi, 2021)

Em 2012, cerca de 21% das crianças e adolescentes brasileiros com idades entre 9 e 17 anos utilizavam a internet por meio de dispositivos móveis. Em 2014, a taxa aumentou para 82%; em 2015, para 85%; e em 2017, para 93%. Entre a população infantil com até 6 anos de idade, 49% tinham acesso a dispositivos com conexão à internet, como tablets ou smartphones. Ainda na infância, para crianças com até 10 anos de idade, essa porcentagem elevou-se para 73%, sendo que a duração de uso por essas crianças excedia significativamente o tempo recomendado por especialistas. Neste, o telefone celular destacava-se, efetivamente, como o dispositivo mais empregado para estabelecer conexão à rede, em virtude de sua portabilidade e conveniência de transporte. (Cavalcanti, 2021; CGI.br, 2018 apud Loureiro e Marchi, 2021; Santos et al., 2022).

Algumas crianças tiveram a oportunidade de receber um aparelho celular, ou de seus aparelhos serem substituídos por um modelo mais moderno, a fim de atender às necessidades manifestadas no período.

“Nesse período, minha mãe acabou presenteando ela com o celular, ela já tinha um antes, mas com o novo, né? Para ser um pouquinho mais rápido.” (E2)

Conforme a Federação Brasileira de Bancos, a Febraban (2021), juntamente com Veloso (2022) e De Oliveira et al. (2022), as tecnologias da informação e da comunicação integram, cada vez mais, a rotina dos indivíduos. No que concerne ao avanço tecnológico da sociedade durante a pandemia, constatou-se que o acesso à internet, em 2020, alcançou 83%, caracterizando um acréscimo de 12 pontos percentuais comparado a 2019. Verificou-se um aumento de 6% nas vendas de computadores, prevendo-se que 45% dos lares possuísem um aparelho. No que tange à comercialização de dispositivos móveis, observou-se uma diminuição de 8% em relação ao ano anterior ao da pandemia; entretanto, esses aparelhos continuavam a ser o principal meio de acesso à internet, com 99% da população utilizando-os. Entre os aparelhos mais comercializados, sobressaiu-se a categoria de equipamentos usados, com aproximadamente 30%, além do incremento nos reparos desses dispositivos, sendo que uma franquia teria relatado um crescimento de 151%.

Depois do celular, o computador foi o segundo dispositivo mais mencionado pelos

entrevistados. Entretanto, ele não era um instrumento mais referenciado para atividades de lazer e entretenimento como o celular, e corroborando com as investigações de Loureiro e Marchi (2021), esses recursos foram frequentemente considerados instrumentos de suporte ao aprendizado escolar.

Para garantir o acesso a computadores pelas crianças, como uma estratégia para atenuar os problemas decorrentes do uso de equipamentos, as dificuldades ocasionadas pelo distanciamento, bem como proporcionar maior conforto e qualidade para que as crianças pudessem participar das aulas remotamente. Algumas famílias adquiriram novos dispositivos, enquanto outros transferiram os equipamentos que utilizavam para seus filhos, e ainda houve aqueles que dividiram o computador com as crianças. De maneira geral, as famílias esforçaram-se para satisfazer, da melhor forma possível, as demandas da criança e do núcleo familiar.

“O notebook ele já tinha, porque o notebook é meu, né? Mas ele que acabou usando.” (E6)

“E eu tive que formatar um notebook também, porque aí eu não conseguia entrar só no celular. Aí eu tive que... eu tinha um notebook que eu não usava e formatei lá e consegui para ela [...] Eu aumentei a internet, eu lembro que era pouca e eu tive que aumentar.” (E10)

“A gente teve que providenciar mais um computador para cada uma ter o seu computador. As atividades na escola eram no mesmo horário, eram concomitantes. Então teve um momento onde uma ficava no computador, outra ficava no celular. A gente percebeu que não estava dando muito certo e a gente teve que arrumar mais um computador para todo mundo ter o seu computador para poder usar.” (E14)

“Eu tinha que me ajustar com os horários, porque ela não era a única que fazia uso de equipamento, e às vezes calhava de ser no mesmo horário todo mundo. Então a gente teve que criar uma agenda.” (E7)

Além dos computadores, algumas famílias ampliaram o investimento em internet, uma vez que houve um incremento na demanda por conectividade com a plataforma digital, especialmente nas famílias onde diversos membros utilizavam os mesmos recursos de maneira simultânea.

“Aumentamos a internet, então eu acho que eu tinha 30 megas, 50 megas, sei lá, a gente teve que contratar 300 mega, por conta de todo mundo estar online a todo momento, eu com aulas também e todo mundo usando aplicativos pesados, sistemas pesados, com câmera e tudo mais, então acabava sobrecarregando.” (E1)

“Eles usaram basicamente um notebook, laptop e celular. O computador muito para as aulas online que teve que fazer. E celular aumentou muito o uso por causa de joguinho, essas coisas que tinham que ficar em casa. Televisão também, mas não aumentou tanto. Acho que aumentou muito mais o celular e o computador.” (E12)

A partir dos dicursos exemplificado acima, foi possível identificar o posicionamento das famílias sobre o significado emblemático do computador como um mediador para objetivos acadêmicos. Por sua vez, o telefone celular e a televisão constituíram-se como formas de entretenimento.

A depender da renda e da instituição escolar, sobretudo da rede pública de ensino, o acompanhamento das atividades escolares ocorreu através de aparelhos televisores.

“ [...] ela usou bastante no período matutino para que ela assistia as aulas do governo, pelo canal da cultura [...]” (E2)

“ O [nome da criança] o estudo era de manhã, aí chegava, ligava, 9 horas da manhã já começava a passar as lições. E a [nome da criança] era de tarde, a [nome da criança] era 1h30, 2 horas...já começava.” (E5)

O Decreto Presidencial nº 10.312, de 04 de abril de 2020, autorizava a implementação da multiprogramação por parte das emissoras de televisão comerciais e educativas, por intermédio de colaborações entre as emissoras e a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios. Em São Paulo, crianças da educação infantil pertencentes à rede municipal passaram a contar com propostas transmitidas ao vivo em canal de televisão aberta. Foi implementado um programa singular voltado para crianças, exibido pela TV Cultura, cujo conteúdo fazia parte da programação do Centro de Mídias SP, uma plataforma de aulas online gerida pelo Governo do Estado de São Paulo. (São Paulo, 2021)

Paralelamente a esta modificação das dinâmicas escolares das crianças, os adultos também necessitaram adotaram novos papéis, responsabilidades e necessidade de adaptação ao novo modelo de viver em família. Comumente é dito que adquiriam novos encargos ou intensificaram-se papéis já existentes, associados as preocupações relacionadas à experiência vivenciada. Esse acontecimento foi caracterizado como um desafio, por vezes extenuante, que ocasionalmente provocava conflitos entre os adultos e as crianças.

“[...] Foi desgastante para o pai que teve que estar acompanhando ali, além do serviço dele, teve que estar acompanhando, né. [...] Ele trabalha em casa (marido), então a gente teve que montar, ele (marido) já tinha o espaço dele, o escritório dele e eu tive que montar, adaptar um lugar para o Pietro na cozinha, dividir a cozinha, um espaço para os estudos.” (E3)

“[...] Por que às vezes, muitas vezes eu ficava, como eu estava tão estressada que eu saía para não ouvir, desligava para não ouvir, sabe? [...]” (E5)

Diante das novas rotinas familiares, as responsabilidades embuídas a cada um, a necessidade de acessar os recursos de comunicação e os escassos recursos tecnológicos, a família

deparou-se com a necessidade de racionalizar o uso dos equipamentos, elaborando-se cronogramas para a utilização dos recursos disponíveis, considerando-se as prioridades para os horários e atividades. Também foi identificada que, a indivíduos que detinham equipamentos suficientes a cada integrante familiar, depararam-se com a limitação física para que cada um mantivesse a sua privacidade nas atividades, evitando ser incomodado ou incomodar os demais integrantes da família nos encontros virtuais ou atividades realizadas.

“Meu marido trabalhou em home office num período, então as adaptações eram de ambiente, para cada um ter o seu espaço. Mas ela teve que ter um aparelho novo.” (E2)
“A gente teve que transformar praticamente os quartos em escritórios, né? Porque, além deles estudando, também estavam trabalhando eu e minha esposa trabalhando em casa. Então, a gente teve que transformar cada cômodo, assim, num escritório basicamente, né? Porque ficavam um em cada lugar fazendo sua atividade, só no seu trabalho.” (E12)

As crianças, desconectadas de seu ambiente social, fomentaram uma dependência social e afetiva acentuada a seus responsáveis. Para reduzir esta limitação relação social, os adultos também permitiam que as crianças acessassem dispositivos eletrônicos para finalidades diversas (não acadêmicas), como forma de mitigar a escassez de interação social, de atividades atrativas e das brincadeiras individuais. Era uma decisão extraordinária, uma vez que esta situação não seria comumente aprovada caso não fosse a situação encontrada devido ao isolamento social.

“A falta de vivência com colegas, com amigos. E isso eles sentiam muita falta, então eles acabavam usando até para bater- papo com os amigos.” (E4)
“Acho que a falta de passeio, ainda mais no fim de semana. Que eu acabo liberando mais, assim. Acho que como a gente ficava direto em casa, então a gente ficava assistindo televisão direto [...]” (E6)

Desta forma, observa-se que as atividades lúdicas transformaram o ambiente, recluso exclusivamente aos espaços residenciais. Os grupos de brincar foram reconfigurados e, comumente, as telas foram uma opção para preencher este vazio. Este achado valida as conclusões de Santos et al. (2021) e Pontes & Neves (2020), concluindo-se que o acesso a esses dispositivos e tecnologias visava minimizar o sofrimento decorrente da privação experienciada, além de proporcionar uma oportunidade de lazer em um período de vulnerabilidade.

As Necessidades e Possibilidades

Nesta categoria, discutiram-se as percepções e estratégias desenvolvidas pelas famílias para atender às necessidades e demandas das crianças, levando em conta, entretanto, os fatores limitantes apresentados por elas, principalmente os de natureza econômica e física.

Com o fechamento do comércio e a exigência do distanciamento social, numerosas pessoas tiveram suas fontes de renda comprometidas, o que intensificou as fragilidades de indivíduos que já enfrentavam significativas vulnerabilidades psicossociais e econômicas. (Bourdieu, 2015 apud Macedo, 2021; Couto, Couto e Cruz, 2020).

Segundo as constatações de Ponte e Neves (2020), cerca de 24,3 milhões de crianças com idades entre 9 e 17 anos utilizavam a internet durante o período de distanciamento social; no entanto, outras 4,8 milhões de crianças e adolescentes não possuíam acesso à rede. Dentre essas crianças que não tinham acesso à rede, 25% localizavam-se em regiões rurais, 21% nas áreas norte e nordeste do país e 20% pertenciam às classes econômicas inferiores (D e E).

Para os estudantes da rede pública de ensino, a televisão configurava-se como um instrumento para a disponibilização de aulas, além de servir como fonte de entretenimento.

Por outro lado, entre os alunos da rede privada, a televisão era mencionada apenas como um dispositivo voltado para o lazer, especialmente por parte das crianças mais novas, com idades entre 6 e 8 anos, que não utilizavam computadores ou celulares com a mesma frequência observada entre os adolescentes.

Destaca-se que cerca de 42,8% dos estudantes frequentavam instituições de ensino públicas, enquanto 57,2% estavam matriculados em rede privada. Entre as crianças que possuíam seus próprios dispositivos eletrônicos, todos dispunham de aparelhos celulares, porém nem todos contavam com computadores e televisores individuais. Entretanto, quanto maior o número de equipamentos próprios que as crianças possuíam, mais facilitado se apresentou o seu processo de adaptação, principalmente em relação às atividades escolares.

“A primeira televisão que a gente colocou [na casa] foi no quarto para ele.” (E8)

“Eu aumentei a internet, eu lembro que era pouca e eu tive que aumentar. E eu tive que formatar um notebook também, porque aí eu não conseguia entrar só no celular.” (E10)

Ao mesmo tempo que encontrou-se indivíduos com restritos acessos a equipamentos eletrônicos, antes e durante a pandemia. Também foi identificado indivíduos que já tinham amplo acesso a equipamentos eletrônicos antes da pandemia, pouco impactando na lógica de utilização

dos materiais. Nesta situação, a movimentação visando suprir as demandas de acesso a dispositivos eletrônicos não se fez imprescindível, sendo suficiente apenas a adequação dos horários das atividades e de suas funcionalidades.

“A internet é da casa do meu irmão, ele assina um plano por conta do trabalho dele, então isso não interferiu. O celular ele tinha, ele tem desde muito pequeno. Aí, ele ficava assistindo desenho dele, brincando, algumas atividades. O notebook ele já tinha, porque o notebook é meu, né? Mas ele que acabou usando. A televisão também, acho que é de casa mesmo, não tive que comprar nada.” (E6)

Inicialmente, crianças que não dispunham de todos os equipamentos, em especial do computador. Com a evolução do distanciamento social, os progenitores se mobilizaram para adquirir ou transferir seus dispositivos às crianças. Diversas famílias receberam o suporte de terceiros e parentes para atender a suas necessidades, incluindo a doação de equipamentos e a utilização de recursos disponibilizados por familiares, como, por exemplo, o compartilhamento da conexão à internet.

“[...] única coisa que eu adaptei foi pegar o meu computador pessoal e formatar e passar para ela.” (E11)

“A gente teve que providenciar mais um computador para cada uma ter o seu computador.” (E14)

“Não, porque a internet eu uso da casa do meu irmão. E os equipamentos, o “lar” me deu, a ONG me deu, teve alguma chefe que me deu.” (E4)

“A internet de casa do meu irmão, ele assina um plano por conta do trabalho dele [...]” (E6)

A utilização precoce da tecnologia por crianças está embasada em um contexto social. Para determinados grupos culturais e estratos sociais, a utilização de dispositivos eletrônicos integra a rotina diária, enquanto em outras realidades socioculturais esses avanços tecnológicos permanecem à margem. (Couto, Couto, Cruz, 2020)

Em situações em que havia precário acesso a equipamentos, suporte e aparelhos eletrônicos necessários, os adultos e crianças compartilhavam, da maneira possível, os equipamentos disponíveis.

“Ah, minha filha, porque tinha hora que cada um tinha horas um pouco com cada um, né. Então não dava para ficar todo mundo no mesmo horário. Aí eu tinha que, foi uma tristeza muito grande para mim, a mudança. Eu tinha só uma televisão, então tinha que ser um pouco para cada uma, entendeu? Então foi uma mudança assim, como eu posso te dizer? Não, eu nem sei te dizer como que foi. Por que às vezes, muitas vezes eu ficava, como eu estava tão estressada que eu saía para não ouvir, desligava para não ouvir, sabe? Era uma TV, eles tinham que dividir o celular. Então, às vezes eu tinha que emprestar

meu celular, às vezes eu emprestava pra [nome da criança] o meu celular. Às vezes eu tinha que emprestar para fazer a lição que o outro estava na televisão.” (E5)
“Eu tinha que me ajustar com os horários, porque ela não era a única que fazia uso de equipamento, e às vezes calhava de ser no mesmo horário todo mundo. Então a gente teve que criar uma agenda e entrar em contato com a escola e explicar, olha, eu também preciso utilizar esse horário, é para prova, é para tal atividade, então ela não vai utilizar, ela vai aparecer depois. Então foram algumas, nesse sentido, foi a maior, eu acho.” (E7)

A educação constituiu o contexto no qual as crianças mais experienciaram o impacto da carência de acesso a recursos tecnológicos. Neste segmento, constava a falta de políticas educacionais direcionadas a assegurar a conectividade e o direito à educação no período que se iniciou com a pandemia, deixando os indivíduos desamparados. Foi incumbência das diferentes instituições de ensino público, familiares e educadores buscar alternativas criativas e temporárias para tentar preservar a ligação com os alunos que não possuíam acesso à internet e a dispositivos digitais apropriados. (Macedo, 2021)

O Descontrole e a Busca por Equilíbrio

Nesta categoria, discutiu-se acerca do emprego de equipamentos eletrônicos por crianças, assim como as consequências desse uso e as expectativas que os responsáveis nutrem em relação a esse comportamento adquirido durante o período da pandemia.

A prática de aprendizagem por meio da modalidade remota resultou em diversos comportamentos. Houve situações na qual os pais identificaram resultados benéficos, sobretudo as crianças com comportamento instrospectivo e sentiram mais confortáveis com a utilização do ensino a distância. O que no início parecia ser um fator que exacerbava o comportamento instrospectivo, foi um propulsor de estabelecimentos de relações sociais. Corroborando-se com Ponte & Neves (2020) e Loureiro & Marchi (2021), poderiam ter ampliado sua criatividade e fornecido novas ferramentas relacionais.

O começo, embora tumultuado, teria proporcionado às crianças valiosos benefícios, apesar de outras adversidades. Diante do contexto observado, admitem que podem ter surgido prejuízos ou consequências adversas, contudo, também reconhecem os benefícios decorrentes dessa vivência.

“[...] por exemplo, eu falei, [nome da criança], amanhã é matemática, vamos estudar! Ela disse, não pai, mas é matemática, não precisa, então quer dizer, aquilo que lá atrás a gente tinha bastante dificuldade, elas chegavam a chorar porque não estavam conseguindo fazer os exercícios, hoje, ela nem estuda por quê? porque ela já se adaptou

com a questão da tecnologia e do estudo a distância, para a matemática que é bem complexa. Então, do ponto de vista da acessibilidade, dos softwares que eles tiveram que aprender, Teams, Zoom, Google Meet, etc, então assim, aprenderam muita coisa, mas ao mesmo tempo aprenderam muito, porque ficaram muitas horas com acesso a essas tecnologias [...]” (E1)

Os discursos dos responsáveis que mais enfatizaram os aspectos favoráveis em relação ao uso da tecnologia foram os daqueles que a utilizam ativamente como parte de sua atividade profissional.

“[...] Eu, por exemplo, trabalho com tecnologia também. Eu sei o quanto que isso facilita a vida e, por outro lado, te vicia, né? É uma facilidade e você vai se embrenhando nisso. Então, é uma linha muito tênue ali, entre o que é benefício e o que começa a trazer um malefício para a criança, né? [...]” (E12)

“[...] Então esses recursos de telemedicina também tá atendendo o paciente em casa, então isso é uma evolução que tá vindo aí, né? Então eu penso assim. [...]” (E3)

Eles relatam que a questão reside no uso excessivo e indiscriminado desses dispositivos eletrônicos, que estão substituindo outras atividades que são igualmente significativas para a aquisição de conhecimento sobre o mundo virtual, praticamente todos os entrevistados reconhecem as consequências prejudiciais resultantes do uso excessivo ao longo do tempo por parte das crianças.

“Porque hoje eu estou com dificuldade de tirar esse equipamento. Eu não sei como fazer isso. E mesmo voltando ao normal, assim, né? Eu queria uma orientação de como tirar.” (E10)

“[...] E aí, é um desafio dos pais de dosar isso com outras coisas, como eu falei, com leitura, trazer as próprias atividades para que seja um meio termo, né?” (E12)

Embora sejam inegáveis as vantagens proporcionadas pelo uso e pelo acesso a dispositivos por crianças, é imprescindível que haja a interação com sensações, odores, texturas e emoções, além das telas, para a constituição de experiências positivas e educativas.

Cerca de 42,8% das famílias consultadas neste estudo possuíam apenas um filho no lar, enquanto 50% eram formadas por mais de uma criança, sendo que, geralmente, as demais eram irmãos. Ademais, uma única família tomou uma medida para enfrentar o distanciamento social, reunindo diversos núcleos familiares em uma única residência.

“Foi mais por conta da necessidade da escola. Como elas estavam, a gente não estava em um grupo pequeno, estava em um grupo grande, então sempre conseguia fazer muitas atividades com elas. Então não necessitava muito de usar os aparelhos, era mais para as atividades da escola.” (E14)

Com uma ampla família congregada na residência, o entrevistado relata que isso possibilitou às crianças diversas alternativas para brincar, além de reduzir o tempo passado em frente às telas. No entanto, nem todas as famílias conseguiram ter a possibilidade de reunir a família para viver em um mesmo ambiente e manter os pares em socialização. A maioria das crianças vivenciou uma experiência solitária e, quanto maior a solidão, maior a oferta de meios para mitigar os efeitos desta solidão, sobretudo com o uso de equipamentos eletrônicos.

Conforme os entrevistados, o consumo ocorria, principalmente, para a execução de atividades escolares, bem como para entretenimento, incluindo jogos, desenhos animados, filmes, entre outros. No entanto, mesmo diante da necessidade de mitigar os efeitos do distanciamento, os pais preocupavam-se em manter um controle mais rigoroso em relação ao tempo de utilização, assim como ao tipo de equipamento acessado, para mitigar os efeitos na necessidade de uso de equipamentos eletrônicos.

“Um horário determinado, né. A gente só deixava pra joguinhos, né, ou então ele procurava alguma, quando tinha pesquisa na escola, né, para ir pesquisando, nesse sentido. Então a gente estipulava um horário aí de uma hora, duas horas, não mais do que isso.” (E3)

Foi identificado que houve um incremento de horas dispendidas ao uso de equipamentos, de até 250%. Em média, as crianças utilizavam 1 a 2 horas dia, e passaram a utilizar, em média, 7 horas por dia, variando de 2 a 12 horas diárias. Embora 14,2% não tenham quantificado, de forma numérica, as horas que a criança despendia utilizando dispositivos eletrônicos, é patente que tal atividade ocupava uma fração significativa do dia das crianças.

“Não. Não faço ideia [...] Não tenho ideia. Porque tem a TV. Ele acorda e se não tem aula, por exemplo, ele já vai ver um filme, um desenho. O [nome da criança] gosta muito de TV. Ele gosta bastante.” (E8)

Os adultos mostraram-se coniventes com a ampliação do tempo dedicado ao uso de dispositivos eletrônicos, considerando que se tratava de uma necessidade, além de atenuar o sofrimento decorrente da privação física. Foi classificada como uma ação de “mal necessário”.

Com esta “aprovação” para o uso de equipamentos eletrônicos e da internet, as crianças passaram a explorar intensivamente as diversas plataformas, canais e aplicativos disponíveis nos dispositivos eletrônicos, especialmente naqueles que possuem acesso à internet. Transformaram-se em usuários de conteúdos da plataforma YouTube®, aplicativos de mensagens, redes sociais,

aplicativos interativos como o TikTok® e jogos eletrônicos.

“Ela assistia muito YouTube, muito os vídeos mesmo. Na época ela até tinha o celular, mas ela preferia a televisão Smart.” (E10)

No transcurso dos anos de distanciamento social, os canais de youtubers infantis expandiram-se em cerca de seis vezes, enquanto as visualizações de canais no YouTube geridos por crianças experimentaram um incremento de 564%, e o total de inscritos nesses canais aumentou em 550%. Trata-se de uma informação relevante, considerando que as crianças encontram-se restritas em seus lares, e essa é a maneira pela qual elas estabelecem uma conexão com o mundo exterior. (Ponte, Neves, 2020)

Conforme afirmado por Santos et al. (2020), a duração do tempo diante das telas deve ser restringida de maneira proporcional às diferentes idades e fases do desenvolvimento biopsicossocial. Para crianças com menos de dois anos, deve-se evitar a exposição, enquanto para aquelas na faixa etária de 2 a 5 anos, o tempo máximo de uso recomendado seria de 1 hora por dia. Entretanto, calcula-se que somente 37% delas respeitariam os limites.

Nos relatos, o sintoma predominante relacionado ao tempo excessivo foi a ansiedade, acompanhada da evitação da interação social, dependência e problemas relacionados à condição física, como dificuldades visuais e desajustes posturais. Para aquelas que já apresentavam sintomas ansiosos antes do período pandêmico, ocorreu um considerável agravamento da condição.

“Muito. Eu tive vários problemas, principalmente com meu filho adolescente. Por exemplo, meu filho adolescente desenvolveu ansiedade, o princípio de pânico. E desenvolveu um tique nervoso por conta do excesso dos eletrônicos. Foi com os olhos, ele começou a piscar muito. E na época eu percebi que ele começou a ficar muito vermelho, ele com uma alergia nos olhos. Só que o uso das telas piorava mesmo ele fazendo o tratamento. Ficamos em tratamento dois anos e meio. Desde que começou mesmo a pandemia, hoje ele está melhor. Ele ainda tem pouco, ele fez terapia, tudo. Ele precisou fazer uma medicação, levei ele no oftalmologista, fiz alguns exames. Graças a Deus não deu nenhuma alteração grave, mas ele precisou fazer o uso de remédio pra ansiedade. Por um período, por mais ou menos seis meses. [Que remédio ele tomou?] A sertralina.” (E9)

“Sim. Ansiedade [...]” (E11)

Na ausência de um descanso apropriado, juntamente com o aumento da atividade do sistema simpático, os indivíduos tendem a apresentar maior cansaço, dificuldades de concentração, irritabilidade, lapsos de memória, hipersensibilidade a sons e luz, taquicardia, oscilações de humor, insônia, elevação das probabilidades de desenvolvimento de patologias

físicas e posturais, além de problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade; também observam-se incentivos ao consumo excessivo, dificuldades na linguagem e traumas resultantes da exposição a conteúdos prejudiciais. (Couto, Couto, Cruz; 2020; Pontes, Neves, 2020; De Oliveira et al. 2022; Santos e colaboradores, 2022).

As crianças com idades entre 6 e 10 anos, demonstravam melhor aceitação de propostas que as afastassem dos dispositivos eletrônicos. Era menos combativas e aceitavam novos repertórios de brincadeiras. Entre os jovens com idades entre 11 e 12 anos, observou-se um aumento significativo nas reclamações relacionadas a conflitos, vivências de inadequação e dificuldades em se desvincular dos dispositivos eletrônicos, os quais foram associados a uma condição de “vício”, acompanhadas por tentativas de subverter as normas de controle e acesso clandestino a esses aparelhos.

“Quando ela não ficava no celular, sei lá, ela falava, ah, você não vai mexer mais, ela falava que estava entediada, como se só a diversão estivesse só no celular. Era difícil buscar outras coisas fora do celular, ela tem uma certa ansiedade, sabe? Ela não sabia o que fazer se não fosse no celular ou na televisão.” (E2)

“Sim, ele ficou muito viciado [...]. Agora quando ele vê que a gente não tá observando, não tá nada, ele escapa quando a gente vai ver, tá no computador ou tá no celular, né. (E3)

O fenômeno do distanciamento configurou-se como um elemento significativo, visto que, conforme Kóvacs (2020), a pandemia modificou os procedimentos de ritualização em variados períodos e fases da vida das pessoas. Os jovens na fase pré-adolescente, púbere e adolescente apresentam necessidades e objetivos diferentes em relação às crianças em idade escolar. Logo, os efeitos adversos também eram intrincados e não se finalizam com a conclusão do período de isolamento. (Facmhn et al., 2020)

Após a pandemia, os responsáveis observaram que as crianças desenvolveram um comportamento evasivo em relação aos contatos sociais após o período de distanciamento social.

“[...] e na vida, no comportamento, ela ficou um pouco antissocial. Isso é uma coisa que eu tenho que lidar agora com ela. Quando foi o retorno às aulas, eu senti o impacto dela não querer se relacionar com as pessoas.” (E7)

“Porque ela não é de fazer amizade, não tem amiguinho na rua de casa. Moro na rua, é bom pra brincar, mas ela não é de fazer amizade. Pra sair de casa, um minutinho, é assim, sem um minuto, já fui. Aí voltava e queria ficar de novo no celular.” (E13)

Em determinados relatos, meniconaram-se comportamentos de agressividade e comportamentos combativos, que não apresentavam-se anteriormente à pandemia e o uso

excessivo de equipamentos eletrônicos. Nesse contexto, as crianças reagiam com hostilidade tanto verbal quanto física diante de frustrações, especialmente aquelas advindas da restrição no uso de dispositivos eletrônicos.

“ [...] Eu achei que mais assim, sabe, muitas vezes muito agressivo, com muita coisa que via, acho que televisão e tudo assim. Muita agressividade e mal criação.” (E5)

“ [...] ela vira um monstro: Respondona. Você não pode pedir nada. Ela já armava uma confusão porque ela não queria sair da tela mesmo [...]” (E13)

No entanto, faz-se necessário salientar que algumas crianças iniciaram a pandemia ainda na fase escolar e tornaram-se adolescentes/púberes neste processo. Alguns dos comportamentos relatados pelos familiares, estaria mais associados aos comportamentos habitualmente relacionados ao universo do adolecer, não apenas atribuído ao isolamento social. No entanto, o isolamento poderia ter exacerbado comportamentos desadaptados de adolescentes.

“ [...] o [nome da criança] é uma criança ansiosa, bem ansiosa, e ele até faz um acompanhamento para isso. E isso piorou assim na pandemia, pelo fato de ele ficar muito tempo exposto àquela quantidade de informação, né? Que vem de ficar vendo YouTube, ficar vendo... É muita informação em pouco tempo. (E12)

“ [...] principalmente a caçula dispersava mais nas aulas. Então tinha uma hora que a gente via ela sair da aula, ia para o YouTube, ou então quando não acontecia isso, ela desligava a câmera e ia para baixo da mesa brincar com os lápis.” (E14)

A redução na eficácia cognitiva e social pode estar vinculada à dependência da internet. Sob essa circunstância, observa-se a ocorrência de disfunções nos circuitos fronto-estriatais-límbicos, comprometimento das funções executivas, falhas no processamento de recompensas e deficiência na regulação emocional. Um padrão análogo ao dos indivíduos que apresentam dependência de substâncias. (Crispin *et al.*, 2022).

CONCLUSÃO

A situação propiciou a ampliação ou o aumento da utilização de dispositivos eletrônicos pelas crianças, especialmente aqueles que englobam telas e tecnologias de rede, como a internet. Os responsáveis fundamentam o aumento com a justificativa de que a utilização de equipamentos eletrônicos nas demandas escolares, que anteriormente ocorria de maneira remota, passou a se estender ao âmbito do entretenimento. Não se trata de responsabilizar os lares que têm condições de fornecer os dispositivos, mas sim de permitir a orientação sobre como essas famílias podem

maximizar a utilização dos recursos disponíveis em benefício tanto das crianças quanto das demandas familiares.

A quarentena evidenciou as disparidades sociais e gerou novas vulnerabilidades, resultantes tanto da complexidade da pandemia quanto da exigência de isolamento social. Ela intensificou e evidenciou, de maneira inversa, outras formas de afastamento, não somente sociais, mas também econômicas e culturais, que já se encontravam estabelecidas.

As famílias que ofereceram a possibilidade de fornecer o apoio tecnológico essencial relataram menores vivências de dificuldades em relação às questões que o suporte tecnológico conseguia resolver, como o acesso aos conteúdos educacionais, por exemplo. A disponibilidade de dispositivos eletrônicos, especialmente aqueles que oferecem conexão à rede, como telefones celulares e computadores, possibilitava que a criança adentrasse em um universo do qual estava impossibilitada ou que não estava ao seu alcance. O que é percebido nas telas ativa alguns sentidos, mas não todos, como apenas a prática poderia proporcionar a vivência. Por outro lado, as famílias que experimentaram este intervalo com limitações à acessos de equipamentos tecnológicos e seus suprimentos, afastaram-se das oportunidades que outras crianças teriam, apresentando, portanto, consideravelmente mais dificuldades para resolver questões que a assistência tecnológica poderia facilitar.

Além disto, as famílias que demonstraram uma melhor organização nas dinâmicas, nas ferramentas e nas condições emocionais de seus lares, eram aptas a proporcionar outras atividades que não desvitalizassem a atenção da criança ao uso de dispositivos eletrônicos; ou, quando houvesse utilização, poderiam estar mais presentes durante esse momento. Nesse aspecto, torna-se imprescindível enumerar os vieses relacionados às descobertas. Nesse contexto, os variados perfis familiares, bem como as subjetividades e culturas domésticas, podem manifestar diferentes possibilidades de suprir as necessidades das crianças, especialmente no que diz respeito ao acesso a dispositivos eletrônicos. Uma outra condição que se apresenta como um viés para os resultados é a variedade de instituições educacionais e suas exigências durante o período em que as crianças participaram das aulas remotas.

Outro viés a ser destacado é a temporalidade das entrevistas. Elas ocorreram após o período crítico de isolamento social. Logo, os discursos foram transcrições de percepções sobre as emoções e comportamentos de um período remoto. No entanto, com o passar do tempo, as percepções atualizam-se, e podem não representar os sentimentos vivenciados durante o isolamento em período crítico. No período das entrevistas, observou-se que os indivíduos

entrevistados estavam em uma fase de mitigação dos efeitos nocivos pelo uso excessivo de equipamentos eletrônicos durante o isolamento.

É neste instante que emergem as súplicas e os apelos por assistência sobre como enfrentar o novo contexto pós-pandemia: crianças que passaram um extenso intervalo de sua infância com estímulos limitados e que, ao retornarem, estão mais velhas, no entanto, enfrentam dificuldades para lidar com os novos desafios sem o desenvolvimento necessário. Os resultados gerais do estudo proporcionam à comunidade escolar, assim como aos pais ou responsáveis, uma oportunidade de reflexão acerca da utilização constante de dispositivos eletrônicos e seus efeitos adversos sobre a saúde e o bem-estar. A pesquisa restringiu-se à perspectiva, bem como a um contexto singular da sociedade. A atividade educacional em análise consistiu na modalidade presencial, que, de maneira abrupta, precisou transitar para o ensino remoto, muitas vezes nesse cenário sem qualquer modificação ou adaptação. Pesquisas futuras podem emergir dessa realidade para analisar esse novo “normal educacional” em relação aos conteúdos e às práticas acadêmicas digitais, assim como seus efeitos.

REFERÊNCIAS

- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Snowball (bola de neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In *Anais do X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE* (pp. 330–341). Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Balbani, A. P. S., & Krawczyk, A. L. (2011). Impacto do uso de telefone celular na saúde de crianças e adolescentes. *Revista Paulista de Pediatria*, 29(3), 430–436.
- Bourdieu, P. (2015). *Escritos de educação*. Vozes.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos (Resolução 466/12)*. *Diário Oficial da União*, 12 dez. 2012, 21082–21085.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2021a). *Coronavírus: O que é a COVID-19*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2023). *Painel de casos de doença pelo coronavírus no Brasil*. <https://covid.saude.gov.br/>
- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2021b). *Lockdown: CNS defende distanciamento social mais rigoroso diante do momento mais grave da pandemia*. <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1628-lockdown-cns-defende-distanciamento-social-mais-rigoroso-diante-do-momento-mais-grave-da-pandemia>
- Claro, J. A. C. S., Menconi, A. T. L., & Loreto, J. R. (2013). Consumo infantil: o telefone

- celular e a criança. *RAUnP*, 5(1), 21–31.
- Costa, E. C., Mapa, L. O., & Lazzarini, S. A. M. (2017). “Me dá um celular”: A inserção dos celulares no universo infantil. In *Anais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Intercom.
- Couto, E., Couto, E. S., & Cruz, I. D. M. P. (2020). #FiqueEmCasa: Educação na pandemia da COVID-19. *Educação*, 8(3), 200–217.
- Falcão, P. M. P., & Mill, D. (2018). A criança e seu fascínio pelo mundo digital: O que o discurso nos revela. *Revista Tecnologia & Sociedade*, 14(30), 136–153.
- Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN). (2021). *Venda de celulares sofre impactos da pandemia e tem queda no Brasil em 2020*. <https://febrabantech.febraban.org.br/temas/infraestrutura/venda-de-celulares-sofre-impactos-da-pandemia-e-tem-queda-no-brasil-em-2020>
- Loureiro, C. C., & Marchi, R. C. (2021). Crianças e mídias digitais: Um diálogo com pesquisadores. *Educação e Realidade*, 46(1), 21–38.
- Macedo, R. M. (2021). Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 34, 262–280.
- Mello, D. (2021, 12 de março). São Paulo suspende aulas presenciais por duas semanas. *Agência Brasil – Saúde*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-03/sao-paulo-suspende-aulas-presenciais-por-duas-semanas>
- Mileipp, K. M., et al. (2021). COVID-19 e seus reflexos no poder judiciário: As mudanças relacionadas à implantação da tecnologia como meio de adequação à nova realidade provocada pela pandemia. *Ciência Atual – Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José*, 17(1), 49–63. <https://revista.saojose.br/index.php/cafsj/article/view/513>
- Minayo, M. C. S. (2007). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (11ª ed.). Hucitec.
- Neves, F. (2020). Provincializando o COVID-19: Resposta ao vírus em contexto hipercomplexo. *Revista NAU Social*, 11(20), 157–165.
- Oliveira, A. F., et al. (2022). Uso de dispositivos eletrônicos e distúrbios do sono durante a pandemia de Covid-19. *Research, Society and Development*, 11(11), e317111133639. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33639>
- Pereira, A. J., Narduchi, F., & Miranda, M. G. (2020). Biopolítica e educação: Os impactos da pandemia de COVID-19 nas escolas públicas. *Revista Augustus*, 25(5), 219–236.
- Ponte, V., & Neves, F. (2020). Vírus, telas e crianças: Entrelaçamentos em época de pandemia. *Simbiótica – Revista Eletrônica*, 7(1), 87–106.
- Prefeitura de Santos. Secretaria Municipal de Educação. (2021). *Educação de Santos exhibirá*

conteúdo em TV aberta a partir de 2022.

<https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/educacao-de-santos-exibira-conteudo-em-tv-aberta-a-partir-de-2022>

Prefeitura de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. (2021). *Crianças da educação infantil da rede municipal de SP passam a ter propostas ao vivo em canal de TV aberto.* <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/criancas-da-educacao-infantil-da-rede-municipal-de-sp-passam-a-ter-atividades-ao-vivo-em-canal-de-tv-aberto/>

Santos, R. O., et al. (2022). Tempo de tela dos nativos digitais na pandemia do coronavírus. *Revista Expressão Católica*, 11(1), 73–81.

Silva, L. L. S., et al. (2020). Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da COVID-19 no Brasil: Caracterização e análise epidemiológica por estado. *Cadernos de Saúde Pública*, 36. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00185020>

Taborda, L. S. (2019). A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança. *Revista Maringá*, 34(1), 40–48.

Usher, K. (2020). Life in the pandemic: Social isolation and mental health. *Journal of Clinical Nursing*, 29(15–16), 2756–2758. <https://doi.org/10.1111/jocn.15290>

Veloso, A. C. (2022, 30 de maio). Vendas de celulares usados crescem 29% na América Latina. *Extra*. <https://extra.globo.com/economia-e-financas/vendas-de-celulares-usados-crescem-29-na-america-latina-veja-os-cuidados-25519303.html>

World Health Organization (WHO). (2020). *Listings of WHO's response to COVID-19.* <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>

World Health Organization (WHO). (2023). *Timeline: WHO's COVID-19 response.* <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline>